

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**FILOSOFIA A QUATRO VOZES: UMA ANÁLISE DA DIALÉTICA  
HEGELIANA EM “VIAGENS NA MINHA TERRA”  
VITÓRIA DE SOUZA FONSECA DA SILVA**

**RIO DE JANEIRO – RJ**  
**2023**  
**VITÓRIA DE SOUZA FONSECA DA SILVA**

**FILOSOFIA A QUATRO VOZES: UMA ANÁLISE DA DIALÉTICA  
HEGELIANA EM “VIAGENS NA MINHA TERRA”**

Monografia apresentada ao Curso de Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Português e Literaturas de Língua Portuguesa.  
Orientadora: Professora Doutora Luciana dos Santos Salles

**RIO DE JANEIRO**  
**2023**

VITÓRIA DE SOUZA FONSECA DA SILVA

**FILOSOFIA A QUATRO VOZES: UMA ANÁLISE DA DIALÉTICA  
HEGELIANA EM “VIAGENS NA MINHA TERRA”**

Esta monografia foi julgada e aprovada para obtenção do grau de Bacharel em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, no Curso de Português e Literaturas, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_

---

Luciana dos Santos Salles - Orientadora

---

Leitor Crítico

## **AGRADECIMENTO**

Primeiro de tudo, agradeço a Deus por ter mantido minha mente no lugar certo e por ter permitido que eu passasse por todas as provas que até aqui se colocaram sem que as quedas fossem irreversíveis.

Agradeço à minha mãe, Fátima de Souza, por ser o mar que me permitiu navegar e o porto onde eu sempre pude atracar. Obrigada por me ensinar a manter os pés bem firmes no chão para que a minha mente pudesse explorar quantos céus eu pudesse imaginar existirem.

Agradeço à minha irmã, Carolina Fonseca, por desbravar florestas tortuosas para que houvesse uma trilha por onde andar. Obrigada por ter me permitido aprender com sua jornada para que eu não precisasse passar por todas as turbulências. Você sempre me protege e espero um dia poder retribuir.

Agradeço ao meu pai, Marcelo Fonseca. Nossos sete anos juntos na terra foram preciosos, mas todos os dias em que você me olha daí de cima são impagáveis. Obrigada por ser meu anjo, meu guia, minha inspiração e meu confidente nas horas em que não conseguia verbalizar as dificuldades.

Agradeço ao meu grande amor, César Manes. Obrigada por escolher trilhar essa vida e tantas outras comigo. Por ser meu melhor amigo, conselheiro, motivador e tantas outras coisas que sequer acredito que existam palavras para nomear. Obrigada pelos dez anos juntos e por todos aqueles que virão; pelos momentos em que relevou minha rispidez por conta da pressão de escrever esse trabalho; por estar do meu lado em cada momento em que eu sequer percebia que precisava tanto de você. Obrigada por não permitir que eu sinta sua falta nunca, por sempre estar lá.

Também agradeço ao amor que sequer sabia que teria e que um dia espero ser digna de receber. Ao meu filho. Suas sete semanas ao meu lado foram o suficiente para me tornar a mulher que sou hoje.. Obrigada por estar comigo e por me escolher como sua mãe nesse período. Espero que nos vejamos em breve.

Agradeço imensamente ao meu querido amigo João Carlos, por revisar minha monografia, aconselhar e estar presente em todos os grandes momentos da minha vida!

Por fim, agradeço à Vitória do passado, pois ninguém mais do que ela é responsável por eu estar em pé. Obrigada por aprender que tão rápido quanto se sobe ao céu chega-se ao chão e que é preciso pisar no fundo da piscina para dar impulso e voltar à superfície. Conseguimos.

## RESUMO

A teoria dialética de Hegel é uma abordagem filosófica que busca compreender a evolução e transformação da realidade através da contradição e interação de opostos. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise aprofundada da obra "Viagens na Minha Terra" de Almeida Garrett, sob a perspectiva dessa teoria. Para isto, será realizada uma análise hermenêutica cuidadosa da obra, identificando e examinando os quatro alter-egos do narrador, a saber: o Acadêmico, o Romancista, o Liberal e o Visconde. A pesquisa pretende explorar a relação intrínseca entre a obra e a trajetória do autor, Almeida Garrett, investigando como cada alter ego desenvolve e apresenta a teoria dialética de Hegel em suas diferentes perspectivas. O Acadêmico, associado ao período em que Garrett cursou a universidade, utiliza uma linguagem erudita e aborda questões filosóficas e literárias, direcionando-se principalmente à aristocracia e aos acadêmicos. O Romancista, vinculado ao período de exílio do autor na Inglaterra e França, assume a narrativa central do romance de Carlos e Joaquina, empregando uma linguagem coloquial e acessível para cativar principalmente o público feminino, enquanto explora temas como materialismo e espiritualismo. O Liberal, relacionado ao engajamento político de Garrett na Revolução Liberal do Porto, expressa suas opiniões políticas e críticas à negligência na preservação dos locais históricos de Portugal. Sua linguagem inflamada e apaixonada revela a defesa da cultura portuguesa e o desejo de transformação política e social. Já o Visconde, representando o período em que Garrett ocupou cargos diplomáticos e participou ativamente da política, narra a viagem de Lisboa a Santarém, utilizando uma linguagem simples e próxima para descrever a dicotomia entre materialismo e espiritualismo por meio de figuras emblemáticas de sua trajetória. Além disso, a pesquisa examinará como a dualidade materialismo *versus* espiritualismo se manifesta nas diferentes estratégias narrativas utilizadas pelos alter-egos ao longo da obra. A abordagem dialética será essencial para entender como essas estratégias narrativas, apesar de opostas, se complementam e interagem na construção da obra, refletindo as tensões e contradições presentes na sociedade portuguesa do século XIX. Ademais, esta pesquisa contribuirá significativamente para o

enriquecimento dos estudos sobre a literatura romântica portuguesa e a relação entre literatura e filosofia. A análise detalhada das complexidades de "*Viagens na Minha Terra*" à luz da teoria dialética de Hegel proporcionará valiosos *insights* sobre a sociedade, cultura e identidade portuguesa no século XIX, valorizando a obra de Almeida Garrett e seu legado na literatura portuguesa. Por fim, ao compreender a relação simbiótica entre a teoria dialética de Hegel e a obra de Almeida Garrett, esta pesquisa oferece uma nova perspectiva para a apreciação e interpretação da literatura romântica e da filosofia no contexto histórico português. Ao analisar a intersecção entre a arte da palavra e a abordagem filosófica complexa, esta investigação contribui para a compreensão mais profunda da complexidade literária e filosófica presente em "*Viagens na Minha Terra*" e ressalta a relevância dessa obra como uma reflexão rica e multifacetada da sociedade e da condição humana.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Objetivos.....	8
3. Metodologia.....	9
4. Capítulo 1.....	12
4.1. De Garrett e o Romantismo.....	12
4.2. Dos alter-egos e a trajetória de vida de Garrett.....	13
4.3. O Acadêmico.....	14
4.4. O Romancista.....	15
4.5. O Liberal.....	16
4.6. O Visconde.....	19
5. Capítulo 2.....	22
5.1. Da Teoria Dialética de Hegel: Materialismo X Espiritualismo.....	22
6. Capítulo 3.....	26
6.1 Das quatro vozes em Viagens na Minha Terra.....	26
6.1.1. Como o Acadêmico Retrata a Dialética Hegeliana.....	26
6.1.2 Como o Romancista Retrata a Dialética Hegeliana.....	30
6.1.3. Como o Liberal Retrata a Dialética Hegeliana.....	34
6.1.4. Como o Visconde Retrata a Dialética Hegeliana.....	37
7. Conclusão.....	41
8. Referências bibliográficas.....	43
8.1. Livros.....	43
8.2. Sites.....	43

## 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo explorar e descrever a estratégia utilizada por Almeida Garrett, renomado autor do romantismo português, em sua obra *“Viagens na Minha Terra”* para abordar o conceito filosófico da Dialética segundo Friedrich Hegel. Ao longo do livro, Garrett utiliza quatro abordagens narrativas distintas, assumindo alter-egos com percepções, opiniões e vivências próprias, que se alternam para construir uma representação completa da dualidade entre materialismo e espiritualismo presentes no conceito do filósofo alemão.

Através deste projeto, pretende-se ampliar o entendimento da obra de Garrett e de suas implicações literárias e filosóficas. A análise se concentra na intrínseca relação entre esses dois campos de atuação presentes no livro, visando contribuir para análises futuras tanto da obra portuguesa em si, quanto das diversas formas de interpretação do conceito filosófico alemão.

Ao explorar as diferentes perspectivas narrativas e os alter-egos adotados por Garrett, busca-se compreender como a obra se insere no contexto do Romantismo português e como a dialética hegeliana é apresentada e explorada ao longo da narrativa. Além disso, a análise da relação entre literatura e filosofia em *“Viagens na Minha Terra”* pode fornecer *insights* valiosos para pesquisadores interessados na interseção dessas duas áreas do conhecimento.

Ao evidenciar a maneira pela qual o autor utiliza a literatura como veículo para transmitir conceitos filosóficos complexos, espera-se contribuir para uma apreciação mais profunda da obra e sua relevância tanto para a literatura portuguesa quanto para o estudo da filosofia em geral.

Com a conclusão desta pesquisa, espera-se oferecer uma análise aprofundada e elucidativa sobre a relação entre o conceito filosófico da Teoria Dialética de Hegel e a obra *“Viagens na Minha Terra”* do citado autor português.

Através da identificação dos diferentes alter-egos narrativos e de suas respectivas explorações da dualidade materialismo *versus* espiritualismo, espera-se contribuir para a compreensão da complexidade literária e filosófica presente na obra, enriquecendo assim o panorama de estudos sobre a literatura romântica portuguesa, mais especificamente os romances de viagem, e suas conexões com a filosofia.

## 2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é analisar e identificar os quatro alter-egos utilizados por Almeida Garrett em sua obra “*Viagens na Minha Terra*” e suas respectivas abordagens da dualidade entre materialismo e espiritualismo, presentes no conceito filosófico da teoria dialética de Hegel.

Através dessa análise minuciosa, busca-se compreender as diferentes perspectivas narrativas adotadas pelo autor e como elas contribuem para a representação e exploração do referido conceito filosófico.

Para alcançar este objetivo, a pesquisa foi desenvolvida em etapas distintas, que serão abordadas em capítulos ao longo desse projeto com o intuito de atender a cada uma das cinco etapas de correspondência ao final do projeto, sendo elas:

- Breve descrição da dualidade materialismo *versus* espiritualismo e como a dialética hegeliana se insere na obra portuguesa;
- Identificação dos alter-egos de Almeida Garrett e descrição dos seus comportamentos narrativos e características;
- Identificação das principais diferenças entre cada alter-ego em relação à dualidade em questão;
- Análise de como cada alter-ego representa uma parte da trajetória de vida de Almeida Garrett e como isso se relaciona com a dialética de Hegel e, por fim;
- Proposição de uma nomenclatura para cada um dos alter-egos, a fim de simplificar o processo de análise para futuras pesquisas.

### 3. Metodologia

A presente análise do livro *“Viagens na Minha Terra”* foi construída sob uma abordagem interpretativa avaliada como melhor alternativa visto que as informações principais para avaliação estão presentes na própria obra e em textos introdutórios sobre a Teoria Dialética de Hegel, citados posteriormente.

Inicialmente foi realizada uma leitura simples da obra literária, com o objetivo de familiarização com a narrativa e enredo. Em seguida, fez-se uma sequência de leituras minuciosas, buscando identificar e marcar os padrões de alternância narrativa com o que foi definido como “fluxo de movimento e pausa”, registro dos momentos de narração da viagem e das digressões de Garrett.

Em continuidade foram realizadas anotações e registros de pontos-chave para a análise desejada, destacando as passagens em que as alternâncias se tornam mais evidentes.

Para a análise textual, foi adotada uma abordagem interpretativa, aprofundando a compreensão a partir das nuances e camadas de significados que transpõem o escrito e perpassam as experiências particulares de cada momento de vida do autor. Em paralelo, buscou-se identificar os padrões de surgimento de cada alter-ego, identificado se suas entradas em cena são arbitrárias ou se há algo que, de fato, exerça o papel de gatilho para o surgimento de cada um.

A coleta de dados para esta pesquisa consistiu em uma análise do texto *“Viagens na Minha Terra”*, de Almeida Garrett, identificando os momentos em que o autor assume diferentes alter-egos e suas abordagens narrativas relacionadas à dualidade materialismo *versus* espiritualismo da dialética de Hegel. Além disso, a apresentação e notas de Ivan Teixeira, na 1ª edição da coleção de Clássicos da editora Ateliê foram consultadas para fornecer *insights* e contextualizações adicionais.

Para embasar teoricamente a análise, foi utilizado o livro *“O que é dialética”*, de Leandro Konder, que contribui para a compreensão das ideias filosóficas subjacentes. A coleta de dados envolveu a leitura crítica e a seleção cuidadosa de passagens relevantes

para a elaboração de anotações sistemáticas, possibilitando a identificação das características narrativas de cada alter ego e sua relação com a dialética e proporcionando uma análise abrangente e embasada da obra.

O método de análise de dados escolhido foi baseado em uma abordagem hermenêutica, escolhida devido à natureza interpretativa e reflexiva da pesquisa, que busca compreender as nuances e os significados subjacentes às palavras e estruturas narrativas utilizadas pelo autor em sua obra.

A hermenêutica permite explorar as múltiplas camadas narrativas presentes no texto, levando em consideração o contexto histórico, literário e filosófico em que a obra foi produzida. A análise dos dados foi conduzida por meio de uma leitura atenta e repetida do texto, identificando os trechos relevantes que evidenciam as abordagens dos quatro alter-egos do autor em relação à dualidade materialismo *versus* espiritualismo da dialética de Hegel.

A escolha do método hermenêutico e a análise cuidadosa dos dados permitiram uma interpretação aprofundada e uma reflexão crítica sobre as intenções do autor, enriquecendo a análise das relações entre os alter-egos e a dialética filosófica presente na obra.

Contudo, é importante ressaltar que, embora a abordagem hermenêutica permita uma interpretação aprofundada e reflexiva do texto, é necessário reconhecer que as interpretações estão sujeitas a diferentes perspectivas e subjetividades. A compreensão dos elementos narrativos e dos conceitos filosóficos envolve uma certa dose de interpretação por parte do pesquisador, o que pode introduzir vieses e limitações.

Além disso, a análise hermenêutica depende da disponibilidade e qualidade das fontes utilizadas, como a precisão das informações da apresentação de Ivan Teixeira, a clareza na tradução da obra de Garrett e a riqueza de informações do livro de Konder.

É importante considerar que essas fontes podem ter suas próprias limitações e interpretações dos conceitos necessários para o bom andamento desta pesquisa. Por fim, é necessário reconhecer que a abordagem hermenêutica pode ser um processo complexo

que exige um alto nível de conhecimento e expertise, tanto na literatura quanto na filosofia. Portanto, é fundamental exercer cautela ao interpretar dados e estar consciente das possíveis limitações e subjetividades inerentes ao método.

## 4. Capítulo 1

### 4.1. De Garrett e o Romantismo

Anos antes da chegada do Romantismo às terras lusitanas a Era Napoleônica se instalava, forçando Dom João VI de Portugal e toda sua corte a buscar asilo no Brasil. A partir desse momento o povo português passa a enfrentar diversas instabilidades no governo, dentre as quais destacam-se:

- em 1820, a Revolução Liberal do Porto;
- em 1826, Dom Pedro IV de Portugal (Dom Pedro I do Brasil) assume o trono; e
- no período 1832-1834, após um golpe de Miguel I, irmão de Dom Pedro IV, instaura-se a Guerra Civil, travada entre liberais constitucionalistas de Dom Pedro IV e o partido absolutista de Miguel I de Portugal.

Garrett, que aos dezessete anos entra em contato com as ideias liberais na Universidade de Coimbra, por duas vezes é exilado de seu país. A primeira, em 1823, quando a Contra Reforma de Dom Miguel reinstaura o absolutismo monárquico e os liberais da Revolução Liberal do Porto são obrigados a fugir de Portugal.

Garrett então exilou-se na Inglaterra, onde teve seu primeiro contato com o Romantismo nas obras de Lord Byron e Walter Scott. Em 1826 o autor recebe sua anistia e retorna a Portugal, sendo exilado novamente em 1828, quando Dom Miguel, então regente de Portugal em nome de sua sobrinha e noiva, Maria II, assume o trono, coroando-se Miguel I de Portugal, e instaura, pela segunda vez, o Absolutismo no país.

Nesse momento Garrett volta para a Inglaterra e lá permanece até 1834, quando as forças liberais constitucionalistas de Pedro IV de Portugal (Pedro I do Brasil) saem vitoriosas da Guerra Civil Portuguesa.

“É dentro dessa conturbada atmosfera que se deve compreender o aparecimento do Romantismo(...) Enquadrado em momento tão crítico para a história de Portugal, entende-se por que a aceitação da reforma romântica não foi pronta nem calorosa: só a acalmia trazida pela Regeneração permitirá o florescimento do ideário romântico entre os letrados portugueses.”  
Massaud Moisés – “*A Literatura Portuguesa*”

Em suas idas e vindas de Portugal, Garrett foi o principal responsável pela inserção do movimento romântico em terras lusitanas, tendo especial destaque nas duas primeiras fases do movimento.

Com a extrema demanda pela estabilidade e reencontro com a nação, o movimento romântico, com suas ideias de exaltação à pátria e o mal do século, soava como reconfortantes mensagens saudosistas de uma Portugal que parecia, naquele momento, ter morrido com Camões e *Os Lusíadas*.

Como destaca Massaud Moisés em “*A Literatura Portuguesa*”, a aceitação inicial do Romantismo em Portugal não foi pronta nem calorosa, sendo necessária uma relativa calma trazida pela Regeneração pós Guerra Civil para que as ideias românticas florescessem entre os intelectuais portugueses.

Nesse contexto, Garrett desempenhou um papel fundamental ao trazer a exaltação à pátria e a nostalgia por uma Portugal perdida como mensagens reconfortantes, ainda que críticas, em meio à busca pela estabilidade e reconstrução nacional. Assim, sua contribuição para a introdução e consolidação do movimento romântico em Portugal é de grande relevância na história literária do país, sendo *Viagens na Minha Terra* o livro escolhido para melhor observar as influências da vida de Garrett na sua forma de expressão do Romantismo.

## **4.2. Dos alter-egos e a trajetória de vida de Garrett**

No tópico anterior foi possível identificar que muitos foram os caminhos da vida de Almeida Garrett, sendo cada um deles responsável pela presença de um alter-ego na narrativa de *Viagens na Minha Terra*. Para compreender plenamente essa relação é

fundamental fornecer uma visão geral da vida e da obra do autor por caminhos ainda não analisados.

A partir do próximo capítulo, será realizada uma análise sucinta dos quatro alter-egos presentes na narrativa de *Viagens na Minha Terra*, examinando seus padrões de comunicação e a relação com os diferentes momentos da vida do autor.

### 4.3. O Acadêmico

O primeiro alter-ego a ser abordado, a partir deste momento referido como “O Acadêmico”, está relacionado ao período em que Almeida Garrett cursou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

É válido ressaltar que, além da formação acadêmica, em 1823 Garrett foi forçado ao exílio após a Contra Reforma, momento em que se dirigiu à Inglaterra e teve seu primeiro contato com autores consagrados da época, tais como Shakespeare e Lord Byron.

Como uma possível expressão e retorno dessas bases acadêmicas e eruditas, O Acadêmico estabelece sua comunicação e transmite seu ponto de vista sobre a Dialética de Hegel por meio de citações de obras e autores consagrados. A título de exemplo, ele recorre à dupla Dom Quixote e Sancho Pança para traçar uma breve explicação analógica acerca do conceito de espiritualismo *versus* materialismo, atribuindo a cada personagem um dos lados e demonstrando como, ao longo da vida, as posições de domínio frequentemente se alternam.

Conforme esperado de um Acadêmico, é recorrente a introdução de novos conceitos até então estranhos à literatura, nas falas d'O Acadêmico, incluindo a única menção presente em *Viagens na Minha Terra*, ainda que velada, ao filósofo Friedrich Hegel e sua Teoria Dialética.

Ademais, O Acadêmico flerta com o nacionalismo ao incorporar constantes menções a Camões, tanto em relação a *Os Lusíadas*, como a outras obras, e sacramenta seu arsenal de leitura ao citar grandes nomes como Dante Alighieri, o próprio Lord Byron, Shakespeare e outros; sempre que possível o fazendo nas línguas originais de cada autor.

De maneira previsível, o discurso d'O Acadêmico se alinha e se direciona à aristocracia e aos acadêmicos, os quais têm grande orgulho de sua erudição e linguagem rebuscada, apresentando-se de maneira elegante e, em certa medida, passiva; discorrendo por meio das obras de outros autores, evitando que suas opiniões comprometam sua imagem.

Por dirigir-se principalmente a este público, compreender o fluxo argumentativo e explicativo d'O Acadêmico pode ser desviador para aqueles que não fazem parte desses grupos específicos, até mesmo para acadêmicos brasileiros, visto que sua linguagem está situada no século XIX e leva à exaustão o discurso erudito das elites aristocráticas.

#### **4.4. O Romancista**

O segundo alter-ego a ser abordado é o Romancista, relacionado ao período de exílio de Almeida Garrett na Inglaterra e França, durante o qual tem contato com a obra de autores mencionados em *“Viagens na Minha Terra”*.

Após ser forçado a deixar Portugal devido à restauração do absolutismo e à contrarrevolução liderada por D. Miguel, Garrett se exilou na Inglaterra, onde teve contato com as literaturas que construíram seu perfil que possibilitou a chegada do Romantismo a Portugal.

É o Romancista quem assume a narrativa central d'A Menina dos Rouxinóis: a história de Carlos e Joanhina, denominada como “Narrativa Enquadrada” por Ivan Teixeira na apresentação da obra. Também é ele quem se posiciona ao lado de seus inspiradores, estabelecendo um diálogo próximo e atuando como crítico literário em momentos diversos.

O Romancista direciona seu discurso principalmente às leitoras mulheres, utilizando a expressão “cara leitora” algumas vezes ao longo de sua narrativa. É importante ressaltar que ele dedica um capítulo inteiro ao ensino do processo de construção de um romance, seguindo exatamente a estrutura então ensinada para narrar, posteriormente, a história de Carlos e Joaninha.

Apresentando um discurso predominantemente coloquial, embora com nuances de erudição, o Romancista torna sua obra de fácil leitura e compreensão. Prioriza o entretenimento proporcionado pelo seu trabalho, ao mesmo tempo em que se insere sutis explicações sobre a dualidade entre materialismo e espiritualismo ao longo de sua narrativa.

Como estratégia para imersão e construção do romance, o Romancista é o único alter-ego que nunca é interrompido pelos demais, cedendo espaço para que assumam suas respectivas narrativas e retomando sua posição quando assim crê necessário. Sempre ocupa um novo capítulo, sem ser inserido em uma narrativa iniciada por outro alter-ego. Essa abordagem pode estar relacionada ao fato de Garrett ser um dos pioneiros do romantismo em Portugal, tornando inconcebível interromper a faceta romanesca do autor quando ela se manifesta.

#### **4.5. O Liberal**

Como já mencionado anteriormente, o jovem Almeida Garrett envolveu-se ativamente na Revolução Liberal do Porto, em 1820, movimento que visava o estabelecimento de uma monarquia constitucional em Portugal. Alinhado aos liberais democráticos, Garrett demonstrou seu apoio à Revolução através da produção de poemas cívicos de estilo neoclássico. Sua participação nesse contexto político revela seu engajamento e comprometimento com ideais revolucionários da época.

Toda a sua poesia apresenta um fundo político, o que é esperado quando observamos o período em que foi escrita. Em alguns momentos pode-se suspeitar,

inclusive, de que Garrett tenha tomado conhecimento da Revolução Liberal do Porto com antecedência, a julgar pela poesia *As Férias* de 1819.

“Daqui, donde houve nome  
 O velho Portugal, seu nome ainda  
 Honrado surgirá. Pressago vejo  
 Na geração crescente ir despontando  
 As feições renovadas  
 Com que a antiga família portuguesa  
 Se distinguia outrora: o brio, a honra,  
 Os são costumes, puro amor de pátria.  
 A singela franqueza,  
 A nobre independência de outras eras  
 Ressurgirão daqui – e então o aspecto  
 Desta formosa terra, hoje encoberto  
 De nevoeiros britanos,  
 Resplenderá coa natural beleza,  
 Que viloes fidalguinhos de má medra  
 Cockneys caixeiros, frades ignorantes  
 Agora lhe deturpam.”  
*As férias – 1819.*

O trecho citado exemplifica o caráter político presente na poesia de Garrett, indicando sua consciência antecipada sobre a Revolução Liberal do Porto e sua esperança de renovação dos valores tradicionais portugueses. Essa manifestação de engajamento político revela o comprometimento do autor com as ideias revolucionárias da época.

Em *Viagens na Minha Terra* Garrett assume um papel ativo ao exaltar os pontos de parada ao longo da viagem narrada. Ele expressa seu desapontamento diante da negligência na preservação desses locais, utilizando a dualidade do Velho Portugal de Dom Afonso Henriques com o Novo Portugal de então, que os Cartistas estavam construindo, como uma das formas de escrever a dualidade hegeliana.

Dentre os diversos momentos em que isso ocorre, selecionam-se dois. A chegada ao pinhal da Azambuja:

“Por quantas maldições e infernos adornavam o estilo dum verdadeiro escritor romântico, digam-me, digam-me onde estão os arvoredos fechados, os sítios medonhos desta espessura? Pois isto é possível, pois o pinhal da Azambuja é isto?”

E a chegada à igreja de Santa Maria da Alcáçova:

“A real colegiada de Afonso Henriques, a quase catedral da primeira vila do reino... isto?... esse igrejório insignificante de capuchos! mesquinha e ridícula massa de alvenaria, sem nenhuma arquitetura, sem nenhum gosto!...”

Por meio de intervenções constantes na viagem, O Liberal busca engrandecer cada espaço percorrido, mas parece decepcionar-se com todos, menos aquele que parece ter parado no tempo: O Vale de Santarém.

Eternamente preso na história de Carlos e Joaninha; eternamente preso na Guerra Civil de 1834, quando o Progresso estava prestes a chegar; é nesses momentos que O Liberal incorpora e representa a dor e a frustração que até hoje vemos no povo português: Portugal já não era mais como nos tempos de Camões, Dom Afonso Henriques e nem mesmo de Dom João VI.

No contexto da narrativa, Garrett utiliza um vocabulário inflamado e apaixonado, carregado de emoções e entusiasmo. Sua linguagem acessível e persuasiva reflete seu desejo de convencer uma audiência sobre a relevância e valor desses locais e, conseqüentemente, de Portugal. Essa forma de expressão intensa e cativante aproxima Garrett de um discurso próprio dos movimentos universitários que vemos cada dia mais frequentemente nas universidades públicas brasileiras e que, a julgar pelos ideais de Garrett e seus colegas, já era presente desde o século XIX, sugerindo uma conexão com ideias revolucionárias e um anseio por transformações políticas e sociais.

Ao apresentar-se como um defensor dos espaços visitados e das memórias que eles representam, O Liberal revela-se, não apenas como um escritor engajado politicamente, mas também como um defensor da cultura da Antiga Portugal.

Sua postura crítica e sua linguagem envolvente contribuem para a construção de uma obra literária que transcende a mera narrativa de viagem, introduzindo elementos de

reflexão política e social, caracterizando-o como um homem comprometido com a transformação e preservação da identidade nacional.

#### **4.6. O Visconde**

Com a chegada do fim da Guerra Civil, Almeida Garrett ocupou vários cargos diplomáticos a partir de 1832. Foi inicialmente reintegrado como oficial na Secretaria de Estado do Reino, no Porto, em 1832 e, em 2 de novembro de 1833, foi nomeado vogal-secretário da Comissão de Reforma Geral dos Estudos, seguindo em diversas alterações de cargo nos próximos dois anos.

Durante o período entre 1833 e 1835 Garrett se vê alvo de sucessivos abandonos por parte do governo, passando a envolver-se com a doutrina setembrista, radical de esquerda portuguesa que se opôs à Carta Constitucional, e inicia sua carreira parlamentar em 1836.

Entre 1837 e 1838 Garrett participou ativamente das discussões políticas que levaram à aprovação da Constituição de 1838, ao mesmo tempo em que se dedicava à renovação do teatro nacional.

Em 20 de dezembro de 1838 ele foi nomeado cronista-mor do Reino. No ano de 1843 iniciou a publicação de sua obra-prima *“Viagens na Minha Terra”* na Revista Universal Lisbonense, descrevendo sua viagem ao Vale de Santarém que teve início em 17 de julho de 1843.

Com a eclosão da revolução de Maria da Fonte e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett, que apoiava o movimento, teve de passar a andar escondido, aparecendo em junho com a assinatura da Convenção do Gramido, que pôs fim à insurreição. No entanto, com a vitória do partido cartista e o retorno de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett foi afastado da vida política até 1852.

É somente com o fim do Cabralismo e o início da Regeneração, em 1851, que Garrett é finalmente consagrado. Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, em 25 de junho de 1851, Almeida Garrett recebeu o título de Visconde de Almeida Garrett em vida, por reconhecimento à sua notável contribuição para a cultura e a literatura portuguesas.

De volta à narrativa de “*Viagens na Minha Terra*”, é esse Almeida Garrett quem faz a narrativa da viagem de Lisboa até Santarém, sendo a partir de agora denominado de O Visconde, o narrador da história. Ele narra toda a trajetória iniciada em 17 de julho de 1843 em Lisboa com destino a Santarém, onde encontrará seu grande amigo de muitas lutas, Manoel de Passos.

O Visconde descreve a dicotomia hegeliana, materialismo *versus* espiritualismo, utilizando figuras emblemáticas que passaram pela sua trajetória de lutas e de embates burocráticos. Isto é feito utilizando uma linguagem tão simples que muitas vezes parece que o Visconde está conversando com um velho amigo ou escrevendo em um diário pessoal.

Seu discurso é direcionado a si mesmo, não aparentando público-alvo claro, o que justifica a permissibilidade de surgimento de outras faces ao longo da reflexão sobre os rumos de sua vida e se ele mesmo não é, em essência, a caracterização do materialismo *versus* espiritualismo.

*Viagens na Minha Terra* vai muito além de um simples romance de viagem. Estamos falando de um diário pessoal e íntimo de viagem, que traz em suas páginas registros dos caminhos tomados por Almeida Garrett em sua vida, por meio de reflexões políticas e pessoais.

O Livro foi publicado em partes, sendo concluído em 1846, cinco anos antes de Almeida Garrett se tornar Visconde, mas já tendo sido escrito com ele na condição de Lorde no Parlamento, sendo essa talvez a maior exemplificação do conceito filosófico que será abordado no próximo capítulo: Garrett se torna lorde; Carlos se tornou Barão. Ele encontra seu fim último dentro da aristocracia que um dia, em 1819, tanto criticou em “*As Férias*”.

Como visto neste capítulo, muitas são as formas escolhidas por Garrett para trazer à tona um conceito tão complexo quanto a dualidade materialismo *versus* espiritualismo presente na dialética de Hegel.

A forma como ele insere um tipo de explicação para cada fase de sua vida é também em si uma exemplificação deste conceito. Ora o materialismo predomina, ora o espiritualismo comanda.

No Capítulo 2 você encontrará uma breve explicação da Teoria Dialética de Hegel e o conceito central dela, que também é o centro de toda a narrativa de *Viagens na Minha Terra*. Após esta explicação, veremos quais são as estratégias e exemplos utilizados por cada alter-ego para elucidar essa dualidade dentro de suas próprias experiências.

## 5. Capítulo 2

### 5.1. Da Teoria Dialética de Hegel: Materialismo X Espiritualismo

A Teoria Dialética de Hegel é um sistema filosófico que procura entender o desenvolvimento da realidade e do pensamento por meio da interação entre opostos, em um constante processo dialético de oposição de ideias.

É uma busca por descrever a realidade por meio da interação de conceitos e ideias e os conflitos entre seus opostos. Essa interação gera resultados que, segundo o filósofo, são novamente inseridos no ciclo, fazendo com que essa oposição seja feita incontáveis vezes, construindo, assim, uma realidade em constante mudança.

Hegel constrói sua ideia com base no conceito anterior, de Immanuel Kant, de que, dentro do que ele chamava de “razão pura”, existiam certas contradições que jamais poderiam ser expurgadas do pensamento humano. Hegel vai além e define a contradição não apenas como uma dimensão essencial do pensamento humano, mas como um princípio básico sobre o qual se construía não só a realidade do homem, mas toda a realidade objetiva, não podendo ser suprimido de nenhum dos dois.

Hegel constrói esse pensamento utilizando o conceito de *possibilidade*, ao que ele define como “a simples forma da identidade consigo”, que tem como única regra que um ser não se contradiz a si mesmo. Por essa visão, tudo se torna possível porque se a única regra é que uma ideia não pode se contradizer, ela pode ser aplicada a qualquer ser como ideia irrefutável.

Ao mesmo tempo, com os movimentos naturais e básicos da existência, toda ideia (ao que chamamos tese) pode e deve ser contrariada por sua oposta (a antítese) para gerar novos conceitos (sínteses) que se tornarão a nova tese, retornando para o ciclo da existência real. Por esse pensamento, todo e qualquer ser é igualmente *impossível*, pois ele está constantemente sendo refutado e reformulado.

É baseado nessa ideia que Almeida Garrett discorre sobre a dicotomia materialismo *versus* espiritualismo em sua obra.

Entende-se como espiritualista o conceito que se detém a preocupar-se apenas com as teorias e conceitos filosóficos como forma de ver o mundo, ignorando, de forma rígida e inflexível, as realidades materiais. Em oposição dá-se o pensamento materialista, que tem como característica ignorar a forma espiritualista de ver o mundo através de reflexões filosóficas e ideológicas, considerando-a utópica, e dedica-se a enxergar o mundo através de ações e pensamentos práticos que, de fato, possam ser implementados no mundo.

Pela alternância de comando desses dois pensamentos, que para Hegel se intercalam constantemente, é construída a realidade como a conhecemos.

“A exterioridade da realidade em acto implica mais precisamente que a contingência, enquanto realidade imediata, é o que é idêntico consigo mas essencialmente só como ser oposto, o qual porém é igualmente um ser superado, uma exterioridade existente. Ela é, pois, algo, de pressuposto, cujo ser imediato é simultaneamente uma possibilidade e tem a determinação de ser superada – a possibilidade de ser um outro – a condição.”

Enciclopédia das Ciências Filosóficas

É graças a estas contradições internas do ser e da realidade, este movimento de ser e ser superado, que é possível alcançar um maior desenvolvimento e compreensão sobre tudo no mundo. Construindo essa base de pensamento é possível perceber o porquê de o materialismo e o espiritualismo constantemente se intercalarem. São duas linhas de pensamento que necessariamente caminham juntas, ora sendo o espiritualismo a ideia dominante, ora sendo o materialismo, para que a alternância entre utopia e ação prática construam o progresso humano e da realidade como a conhecemos e como havemos de conhecer à medida que a sociedade avança.

A Teoria Dialética de Hegel desempenha um papel fundamental na análise da dualidade materialismo *versus* espiritualismo presente em “*Viagens na Minha Terra*”. Com

a compreensão da realidade como um constante processo de interação e oposição de ideias, é possível perceber como Garrett aborda e explora essa dicotomia na obra.

Por meio de seus alter-egos, Garrett representa as diferentes perspectivas e vivências relacionadas ao materialismo e ao espiritualismo. Esses alter-egos, por meio de suas visões contrastantes, refletem a contradição inerente às esferas material e espiritual, buscando a superação entre os dois lados, que gera o progresso da sociedade e do ser.

Ao se traçar essas conexões com a dialética hegeliana, pode-se compreender tanto as tensões sociais e políticas do século XIX abordadas por Garrett, quanto lançar mão de uma nova percepção sobre a frente política das obras literárias e como ela é feita a depender da fase de vida do autor.

“Mas como na história do malicioso Cervantes, estes dois princípios tão avessos, tão descontrolados, andam contudo juntos sempre, ora um mais atrás, ora outro mais adiante, empecendo-se, muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.”

Viagens na Minha Terra, 1846.

Neste trecho, Garrett destaca a coexistência e a interação constante entre os princípios opostos do materialismo e do espiritualismo. AO referenciar a obra de Cervantes, Dom Quixote, o autor ressalta que esses dois princípios, ainda que tão distintos, sempre estão presentes, sendo um mais proeminente que o outro às vezes, podendo entrar em conflito, mas ocasionalmente podem se apoiar, como em Cervantes acontecia entre a alternância de controle narrativo entre Dom Quixote e Sancho Pança.

Essa convivência contínua, mesmo com suas dificuldades, é retratada como uma força motriz para o progresso. O uso da palavra “progredindo” em destaque implica que, apesar dos obstáculos encontrados ao longo do caminho, a coexistência desses princípios opostos resulta em avanço e evolução.

Essa argumentação sugere que a harmonia entre princípios antagônicos pode levar a uma compreensão mais completa e a um desenvolvimento mais amplo da sociedade e do próprio ser. Ao reconhecer a importância dos dois princípios, seus movimentos complementares e sua interdependência, Garrett lança um holofote para a complexidade

das relações humanas e apresenta uma forma de observação que possibilita uma melhor compreensão sobre ironias da vida humana que serão apresentadas posteriormente ao longo do livro, como Carlos se tornar um barão ou mesmo Garrett se tornar um Visconde.

Assim, ao evocar a obra de Cervantes, Garrett ressalta a intrincada e contraditória natureza dos princípios opostos que regem a existência humana e o progresso, demonstrando que, apesar das adversidades e conflitos, eles avançam juntos, ainda que em ritmos desiguais.

Essa perspectiva dialética de coexistência e interação dos opostos nos convida a refletir sobre a importância de reconhecer a diversidade de ideias e perspectivas, buscando uma síntese que promova o progresso e a evolução tanto individual, quanto coletivamente. Através dessa abordagem, Garrett enriquece sua obra com uma compreensão mais profunda das complexidades da vida e da sociedade, convidando os leitores a ter em mente e explorar as contradições e os desafios inerentes à busca pela verdade e pelo significado em um mundo de constante transformação ao longo das páginas de sua obra-prima.

## 6. Capítulo 3

### 6.1 Das quatro vozes em *Viagens na Minha Terra*

#### 6.1.1. Como o Acadêmico Retrata a Dialética Hegeliana

O primeiro alter-ego a se manifestar no livro é o Acadêmico e está relacionado ao período em que Almeida Garrett cursou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Estamos falando de um jovem de dezessete anos, recém-chegado à Coimbra, que segue sua carreira acadêmica e intelectual ganhando destaque por seu vasto conhecimento de autores e correntes literárias e filosóficas.

É o Acadêmico o responsável por apresentar a dicotomia materialismo *versus* espiritualismo com base em obras literárias famosas para elucidar seu pensamento. Não é possível, porém, falar sobre Garrett sem falar sobre essa sua face, pois foi graças à construção do Acadêmico e seus conhecimentos diversificados que Garrett incorporou o Romantismo em Portugal.

Esse alter-ego origina-se no período do Liceu de Almeida Garrett, mas tem como ponto alto de desenvolvimento o exílio de 1822/3, após a Revolução Liberal do Porto, quando Garrett é forçado a refugiar-se na Inglaterra e tem contato pela primeira vez com as obras de Lorde Byron, Shakespeare, e diversos outros romancistas.

A primeira menção a seus referenciais literários surge logo nas primeiras páginas de *Viagens na Minha Terra*, quando Garrett observa, ainda no porto, antes da partida para Santarém, que Lorde Byron, ainda que conhecido por suas experiências marítimas, com poesias até mesmo sobre o enjoo, nunca mencionou um prazer de Garrett: fumar a bordo.

Desta observação Garrett discorre sobre como Byron negligencia aquela que, para muitos, é uma das poucas e verdadeiras atividades agradáveis no mundo: sentir o vento no rosto dentro de um barco, enquanto desfruta de um charuto de Havana.

O Acadêmico demonstra sua argumentação baseada em romancistas logo na primeira cena do livro, ainda no porto, antes de levantar âncora. Ao observar a ausência da menção do prazer de fumar a bordo por parte de Byron, mesmo sendo conhecido por suas experiências marítimas, o Acadêmico revela sua percepção singular sobre as obras de que tem conhecimento e compartilha com seus leitores a importância desse prazer sensorial, destacando a conexão com a natureza, que evidencia uma inclinação materialista ao dar importância para prazeres terrenos, como o ato de fumar a bordo e conectar-se com a natureza por meio do vento.

Ao apontar essa crítica, o Acadêmico valoriza prazeres mundanos como experiências genuinamente agradáveis, ressoando com a dicotomia materialismo *versus* espiritualismo ao apresentar uma visão que valoriza os aspectos sensoriais e tangíveis da existência, destacando sua importância e sua validade em contraposição à busca exclusiva pelo conhecimento espiritual e filosófico.

No capítulo seguinte, o Acadêmico demonstra que seu arsenal de conhecimento não se limita à literatura ao citar declaradamente a Teoria Dialética de Hegel e fazer uma exemplificação. Segundo ele, um filósofo estrangeiro escreveu sobre a marcha da civilização, identificando dois princípios opostos no mundo: o espiritualista e o materialista.

Em sua explicação prática, o Acadêmico representa o princípio espiritualista na figura de Dom Quixote, caracterizado por um enfoque nas teorias abstratas e uma indiferença em relação à parte material e terrena da vida. Já o princípio materialista é personificado pela robusta presença de Sancho Pança, consistindo em um pensamento que desconsidera as teorias em que não acredita, declarando-as utópicas, enquanto dá foco para questões práticas e materiais. Ao fazer isso, o Acadêmico introduz, pela primeira vez, a Teoria Dialética de Hegel.

É interessante notar como o Acadêmico constrói seu discurso de forma erudita e embasada em referências literárias e filosóficas. Ao citar explicitamente a Teoria Dialética de Hegel e lançar mão de Dom Quixote e Sancho pança como exemplos, ele parece se dirigir a um público leitor instruído, familiarizado com referências eruditas.

O Acadêmico parece buscar expandir o horizonte de conhecimento do leitor, apresentando conceitos filosóficos complexos e relacionando-os com a dicotomia entre o espiritualismo e o materialismo. Com isso, ele introduz a Teoria Dialética de Hegel como uma forma de compreender a marcha da civilização e do intelecto, mostrando que o pensamento acadêmico está além da literatura e contempla outras áreas de estudo.

O alter-ego Acadêmico desempenha um papel fundamental na estrutura e no desenvolvimento da obra, pois é ele quem possibilita a liberdade poética que faz com que Almeida Garret explore e discuta questões para além da literatura, de natureza filosófica, social e política, de uma forma mais aprofundada.

Ao assumir essa persona, Garrett transcende o contexto narrativo e adquire uma voz intelectual e crítica, proporcionando a si mesmo uma maior liberdade para abordar temas mais complexos de maneira direta e reflexiva. A presença do Acadêmico na narrativa possibilita a introdução de referências literárias e teóricas que enriquecem a trama, como a dicotomia entre materialismo e espiritualismo, a Teoria Dialética de Hegel e a relação entre teoria e prática na vida humana. Essa abordagem aprofundada e intelectual contribui para a construção da profundidade temática da obra, oferecendo um espaço para reflexões densas e ampliando as camadas de significado do texto.

Como resultado, o leitor é convidado a mergulhar em uma experiência enriquecedora, que estimula o pensamento crítico e proporciona uma compreensão mais ampla dos temas abordados.

“bem me lembram ainda os dois versos do poeta Dêmades, que são forte argumento de autoridade contra minha teoria; cuidei que tinha mais infeliz memória. Hei de pô-los aqui para que não falte a esta grande obra das minhas viagens o mérito da erudição, e lhe não chamem livrinho da moda; estou resolvido a fazer minha reputação com este livro.”

A escolha do Acadêmico em apresentar um poeta que refuta sua teoria dentro do livro evidencia sua preocupação em demonstrar o conceito base da Teoria Dialética de Hegel sobre a realidade ser composta da constante oposição de teses e antíteses para se chegar a uma síntese.

Ao mencionar os versos do poeta Dêmades como argumento contrário à sua teoria, o Acadêmico mostra que reconhece a existência de opiniões opostas e a importância de considerá-las para alcançar uma compreensão mais completa e profunda da verdade. Essa abordagem reflete o princípio fundamental da teoria dialética, que enfatiza o confronto entre opostos para se chegar a uma síntese superior.

Ao incorporar a refutação do poeta em sua obra, Garrett demonstra sua intenção de criar uma obra erudita; que não se contenta em apresentar apenas um ponto de vista, mas busca abordar diferentes perspectivas e desafiar suas próprias ideias. Ao fazer isso ele busca garantir que sua obra seja reconhecida como uma produção intelectual séria e não apenas como um “livrinho da moda”.

Sua determinação em construir sua reputação com base nesse livro evidencia sua ambição em se estabelecer como um autor respeitado, capaz de lidar com debate intelectual e contribuir para o conhecimento. Dessa forma, ao apresentar um poeta que refuta sua teoria, Garrett demonstra seu compromisso com a erudição e com a busca pelo entendimento mais profundo por meio da exposição e confrontação de ideias contrárias.

A presença do Acadêmico na obra de Almeida Garrett, com sua abordagem erudita e embasada em referências literárias e filosóficas, possibilita uma exploração mais profunda e reflexiva das questões para além da literatura. Ao apresentar a dicotomia entre materialismo e espiritualismo, bem como a Teoria Dialética de Hegel, o Acadêmico demonstra uma visão ampla e crítica do mundo, dialogando com um público leitor instruído e buscando expandir o horizonte de conhecimento. Essa abordagem contribui para a construção da profundidade temática da obra, enriquecendo a experiência do leitor com reflexões densas e estimulando o pensamento crítico.

A escolha de apresentar um poeta que refuta sua teoria, conforme a Teoria Dialética de Hegel, demonstra a busca por uma compreensão mais ampla e complexa da

verdade, conferindo à obra um mérito de erudição e seriedade. Garrett utiliza o Acadêmico como um veículo para aprofundar suas camadas de significado do texto e estabelecer sua reputação como um autor respeitado e intelectualmente comprometido.

### **6.1.2 Como o Romancista Retrata a Dialética Hegeliana**

O segundo alter-ego de quem falaremos é o Romancista, relacionado com o período em que Garrett estava em exílio, aos 24 anos. É ele quem narra a história do Vale de Santarém e explora a dicotomia materialismo *versus* espiritualismo utilizando duas oposições da trama: Frei-Dinis e Carlos; Joanhina e Georgina.

Além disso, não se pode construir uma argumentação sem antes ressaltar que é justamente a face do Romancista que sacramenta a entrada do Romantismo em Portugal e consagra Garrett como o grande escritor que hoje é.

Assim como o Acadêmico, o Romancista nasce no exílio de Garrett, em 1823, quando ele entra em contato com a corrente literária do Romantismo através das obras de Byron e Shakespeare.

A dualidade entre Frei-Dinis e Carlos é construída de forma marcante para representar a dicotomia focal da trama. Frei-Dinis é retratado um homem de princípios austeros, crenças rígidas e uma lógica inflexível, que rejeita a análise em favor de uma síntese opressora que esmaga todo argumento e destrói qualquer raciocínio contrário.

Por outro lado, Carlos é apresentado como alguém que deseja se libertar das condições sociais, aproximando-se do tipo primitivo e regenerando-se na liberdade da natureza. No entanto, apesar de ser considerado o melhor e mais generoso, Carlos revela-se fraco, falso e acanhado. Suas tentativas nobres e aspirações elevadas são punidas pelo mundo hipócrita, levando-o à vulgaridade da fraqueza, hipocrisia e mentira comum.

Assim, a dualidade entre Frei-Dinis, com sua rigidez, e Carlos, com sua luta interna entre a natureza excepcional e as influências externas, expõe com clareza as contradições e complexidades da condição humana.

A dualidade estabelecida entre Frei-Dinis e Carlos, que mais tarde descobriremos serem pai e filho, reflete o contexto histórico da transição do Antigo Regime para a Monarquia Constitucional. Frei-Dinis representa os princípios conservadores do Antigo Regime, com sua lógica infalível e rejeição à análise, simbolizando a resistência à mudança. Já Carlos personifica a busca por liberdade e transformação social, refletindo as aspirações do novo sistema.

Essa dualidade reflete a tensão entre tradição e progresso na época com a luta entre as crenças antigas e a necessidade de adaptação às demandas da sociedade da época. Além disso, a dualidade entre Frei-Dinis e Carlos demonstra o conceito base da Teria Dialética de Hegel, em que há uma tese (representada por Frei-Dinis) e uma antítese (representada por Carlos), e o confronto entre elas.

Tal confronto nos leva a uma síntese que supera as contradições iniciais. Nesse sentido, a dualidade entre os personagens denota não apenas as contradições e complexidades da condição humana, mas também o processo de transformação histórica e o embate de ideias que permeiam o contexto da transição política.

Existe ainda outra oposição que o Romancista elege para explicar a dicotomia hegeliana: Joanhina e Georgina, e como Carlos as via. Carlos nutria grande expectativa em rever Joanhina, a quem considerava uma criança inocente e graciosa com quem havia compartilhado uma relação fraterna desde os primeiros anos de vida. Apesar de ter deixado Joanhina ainda como uma criança, ele carregava consigo a imagem suave e amorosa dela ao longo de sua jornada, mantendo a saudade e o amor em seu coração mesmo nos momentos mais difíceis e perigosos da vida.

Em oposição, quando pensava sobre Georgina revelava um amor intenso e apaixonado, que Carlos acreditava ser o maior e mais verdadeiro amor que existiu, mas que ela diz não existir mais.

Essas duas visões de Carlos sobre Joanhina e Georgina retratam a dualidade entre a inocência e a paixão, entre a pureza do passado e as incertezas do presente, adicionando complexidade e contraste aos dois relacionamentos.

A dualidade estabelecida entre Joanhina e Georgina é mais complexa e sutil do que a dualidade Dinis-Carlos. Ela reflete a dicotomia hegeliana representando a contraposição de elementos opostos na vida de Carlos.

Joanhina é retratada como uma figura inocente e graciosa, simbolizando a pureza e o afeto fraternal; a inocência da infância e simplicidade. Já Georgina personifica a paixão intensa e o amor romântico. Para Carlos ela é fonte inesgotável de um amor cego, louco e infinito.

Nesse sentido, as duas mulheres representam a contraposição entre a inocência e paixão, a pureza do passado e as incertezas do presente, como dito anteriormente.

Além disso, a dualidade entre Joanhina e Georgina também pode ser interpretada como uma representação da dualidade entre materialismo e espiritualismo. Joanhina personifica valores mais puros e espirituais, relacionados à afetividade e à inocência que, para os dias contemporâneos à trama, são características tão desejadas quanto utópicas. Ela representa um amor desinteressado, que transcende o material e simplifica as relações humanas.

Por outro lado, Georgina encarna o lado materialista e apaixonado do amor, envolvendo desejo, emoções tangíveis e busca por satisfação pessoal.

Através desses dois personagens, o autor explora as tensões entre o idealismo e a realidade, questionando a possibilidade de conciliar os anseios espirituais com as demandas materiais da vida cotidiana. A dualidade entre Joanhina e Georgina e a alternância de experiência entre elas é o que resulta na síntese que Carlos é ao final de sua história.

O alter-ego do Romancista desempenha um papel de extrema importância na obra, pois ele é responsável por narrar a história do Vale de Santarém e explorar as principais dicotomias presentes na trama. Ao assumir esse papel, Garrett utiliza o Romancista como uma voz narrativa que permite uma análise mais profunda das contradições e complexidades dos personagens e do contexto histórico em que se encontram.

O Romancista funciona como um observador crítico e analítico, oferecendo *insights* sobre as dualidades entre materialismo e espiritualismo, tradição e progresso, pureza e paixão. Sua presença também remonta à entrada do Romantismo em Portugal e consolida a reputação de Garrett como um grande escritor, contribuindo para o reconhecimento de sua obra como um marco literário.

Portanto, o alter-ego do Romancista é fundamental para a compreensão profunda da narrativa, das temáticas abordadas e para a consolidação da importância de Garrett na literatura portuguesa.

“- Tudo o quê, Georgina?

- Queres que to repita? Repetirei. Que tu amas tua prima, que ela te adora. E por Deus, Carlos, eu já lhe quero como se fora minha irmã. Entendes bem que te não amo? Compreendes agora que tudo acabou entre nós, e que não vejo, não posso ver em ti já senão o esposo, o marido da inocente criança que tomei debaixo da minha proteção, e a quem juro que hás de pertencer tu?”

O diálogo entre Georgina e Carlos revela a convivência paradoxal do materialismo e do espiritualismo nas relações entre eles. Georgina expressa seu amor e apego por Joanhina, considerando-a uma irmã e desejando vê-la como esposa de Carlos, destacando a dimensão espiritual e afetiva dessa conexão. No entanto, ela também ressalta que não ama mais Carlos e o enxerga apenas como o marido da inocente Joanhina, revelando uma perspectiva mais materialista em que o aspecto material e as convenções sociais se sobrepõem ao amor romântico e à paixão entre Georgina e Carlos.

Essa coexistência paradoxal reflete a dialética hegeliana, em que as contradições são integradas e superadas em uma síntese mais complexa, demonstrando a dualidade entre o materialismo e o espiritualismo na união entre as duas mulheres.

O alter-ego do Romancista desempenha um papel essencial na obra, narrando a história do Vale de Santarém e explorando as principais dicotomias presentes na trama. A dualidade entre Frei-Dinis e Carlos, bem como entre Joaninha e Georgina, representa a tensão entre materialismo e espiritualismo, tradição e progresso.

A presença do Romancista consolida a entrada do Romantismo em Portugal e consagra Garrett como um grande escritor, enriquecendo a compreensão da narrativa e a importância literária de sua obra.

### **6.1.3. Como o Liberal Retrata a Dialética Hegeliana**

Partindo para o terceiro alter-ego em *Viagens na Minha Terra*, é chegado o momento de falar sobre o Liberal, relacionado com a época de faculdade de Garrett em Coimbra, por volta de seus vinte anos.

O Liberal percorre toda a viagem até Santarém exaltando pontos de parada, como o Pinhal da Azambuja e o Cartaxo, explorando a dicotomia materialismo versus espiritualismo com base na oposição de passado e futuro de Portugal, nítido em alguns pontos de parada; também ele traz debates políticos como forma de exemplificar a mesma dualidade.

É graças à fase que deu origem ao Liberal que Garrett foi introduzido ao mundo político, ainda anterior à Revolução Liberal do Porto, com seus poemas de inclinação política. O Liberal nasce ainda antes do Acadêmico, antes do exílio, quando Garrett tem o primeiro contato com as ideias revolucionárias que o forçaram a exilar-se.

Na chegada a Santarém vemos a dicotomia hegeliana ser cuidadosamente estabelecida e exemplificada quando Garrett passa a descrever o que via. Na vila via-se abandono, escassez de pessoas, hortas e pomares negligenciados e casas de campo em ruínas. Enquanto isso, ao fundo, os olivais de Santarém representam conforto ao narrador ao manterem sua beleza, símbolo patriarcal da antiga existência portuguesa.

O Liberal explicita assim a oposição e o conflito com o Progresso ao pintar um cenário em que a presença dos olivais, com seus troncos velhos, evoca imagens veneráveis de um passado de glórias e lamenta pelas gerações posteriores, testemunhas de vergonhosa degeneração e da decadência presente.

O discurso do Liberal, ao construir a narrativa com base na descrição da chegada a Santarém e na dicotomia hegeliana estabelecida, parece ser direcionado a uma audiência mais ampla, provavelmente composta por indivíduos preocupados com a preservação da identidade nacional e críticos em relação ao progresso e às mudanças sociais.

Ao destacar o abandono, a negligência e a ruína da vila, o autor visa despertar a consciência sobre a perda do passado glorioso, representado pelos olivais, e lamenta a degeneração das gerações futuras. Nesse contexto, o discurso do Liberal expõe a oposição entre tradição e progresso, apelando para a nostalgia e evocando uma visão idealizada da antiga existência portuguesa, enquanto denuncia a decadência e as consequências negativas do progresso.

Outro trecho de destaque é a chegada ao Pinhal de Azambuja, que gera surpresa e decepção no Liberal. Essa dualidade entre a expectativa e a realidade é acentuada quando ele descreve a antiga selva como um bosque druídico temido religiosamente, repleto de lendas e histórias.

A contrastante percepção da infância, em que ele imaginava encontrar a cada passo “a cova do Capitão Roldão e da dama Leonarda”, ressalta a dicotomia entre a idealização do passado e a desilusão do presente, evidenciando revelando a dualidade hegeliana presente na narrativa.

O trecho em questão retrata a dualidade materialismo versus espiritualismo de forma acentuada, através da perspectiva do narrador, na face do Liberal. Ao expressar sua surpresa e decepção diante do Pinhal de Azambuja, negando-se a acreditar que era ele de fato, o narrador revela uma tensão entre a materialidade presente e a idealização espiritual do passado.

Como dito em comentário anterior, a descrição da antiga selva como um bosque druídico temido religiosamente, associado a lendas e histórias, representa o aspecto espiritual e mítico da cultura. Por outro lado, a contraposição entre a expectativa imaginativa de encontrar a cova do Capitão Roldão e da dama Leonarda a cada passo e a desilusão da realidade presente evidencia a dimensão material e factual.

Dessa forma, o trecho exemplifica a dualidade entre o materialismo, representado pela realidade concreta e desmistificada, e o espiritualismo, relacionado às projeções e idealizações do passado.

Através deste contraste, a narrativa do Liberal cria um cenário onde as duas correntes dialéticas, materialismo e espiritualismo, se encontram em tensão e se

entrelaçam, refletindo a complexidade da existência humana e a interação entre diferentes perspectivas filosóficas.

O Liberal desempenha um papel significativo na narrativa, trazendo consigo a perspectiva política e a dualidade materialismo versus espiritualismo com base nos conflitos que resultam do progresso. Sua presença permite a exploração de debates políticos e a reflexão sobre a identidade nacional, bem como a crítica ao progresso e às mudanças sociais.

Além disso, o Liberal contribui para a construção da dicotomia hegeliana ao retratar a oposição entre o passado e o presente, entre a idealização do passado glorioso e a desilusão com a realidade atual. Através deste alter-ego, a narrativa ganha profundidade ao abordar temas filosóficos e políticos, enquanto apresenta um retrato complexo da sociedade e da condição humana.

“Decididamente vou-me embora, não posso estar aqui, não quero ver isto. Não é horror que me faz, é náusea, é asco, é zanga.

Malditas sejam as mãos que te profanaram, Santarém... que te desonraram, Portugal... que te envileceram e degradaram, nação que tudo perdeste, até os padrões da tua história!... Eheu, eheu, Portugal!”

Essas últimas palavras do Liberal antes de abandonar Santarém revelam profunda desilusão e repulsa do narrador em relação à realidade presente na Vila e em Portugal como um todo. Essa aversão vai além de um mero horror passageiro, manifestando-se como uma náusea, um asco e zanga que refletem a dualidade hegeliana ao traçar os sentimentos intensos e materialistas como predominantes frente a constante desilusão que inseriu o Liberal em ciclos de sínteses e teses, sem deixar espaço para o espiritualismo saudosista da velha glória portuguesa.

Ao condenar aqueles que fizeram parte da ruína de Santarém e da desonra de Portugal, ele traz a percepção materialista tangível da degradação dos valores e da identidade nacional. A menção à perda dos padrões da história intensifica o sentimento de perda entre a idealização do passado e a triste realidade presente. A repetição do lamento “Eheu, eheu, Portugal!” reforça a angústia e o desespero, trazendo uma dimensão espiritual e emocional à narrativa, colocando o ideal e o real lado a lado na desilusão e desapontamento.

Em suma, o Liberal desempenha um papel crucial ao explorar a dualidade entre materialismo e espiritualismo, além de trazer debates políticos e reflexões sobre a identidade nacional.

Ao explicitar a dicotomia entre o passado glorioso e a realidade atual, o Liberal expressa profunda desilusão e repulsa, revelando a complexidade da existência humana diante das mudanças sociais e do conflito entre tradição e progresso. É graças a essa face de Garrett que *Viagens na Minha Terra* adquire camadas mais profundas ao abordar questões filosóficas e políticas, enquanto oferece uma visão abrangente da sociedade portuguesa e da complexa condição humana diante dos desafios do progresso e da preservação da identidade nacional.

#### **6.1.4. Como o Visconde Retrata a Dialética Hegeliana**

O último alter-ego em *Viagens na Minha Terra* é o Visconde. Ele é o narrador principal do livro, responsável por relatar a viagem de Lisboa até Santarém, e também é quem Garrett se torna ao fim de sua vida.

Utilizando a dualidade da dialética hegeliana, ele representa a própria essência dessa abordagem filosófica, surgindo como resultado dos movimentos de oposição entre os outros alter-egos. A par disso, o Visconde evidencia demonstra a dualidade entre materialismo e espiritualismo, já que Garrett se torna um político ao final de sua vida, uma classe que ele criticava quando jovem, em seu período Liberal e Acadêmico.

Sua importância reside em retratar quem Garrett se tornou como resultado da existência dos outros alter-egos, representando o produto dos movimentos de progresso de acordo com a dialética hegeliana. Ela é a síntese do movimento de teses e antíteses da vida de Almeida Garrett.

Em uma passagem durante sua estada no Pinhal, vemos a dualidade hegeliana ser apresentada pela nobre admiração do Visconde pelo Marquês de Faial. O Visconde relata como o marquês, mesmo sendo um fidalgo homem de letras, se entregava com paixão e fúria à prática do chouto,

deixando de lado sua carruagem luxuosa para se aventurar em um cabriolé de praça marcado pelo movimento seco e duro que sacudia a todos.

Ao descrever a entrega apaixonada do marquês ao chouto, apesar de sua posição social como fidalgo, o Visconde revela uma contraposição entre o materialismo e espiritualismo. A carruagem luxuosa, símbolo de status e conforto, representa o elemento materialista, enquanto a paixão e entrega do marquês ao chouto refletem o aspecto espiritual.

Essa contradição entre a posição social e a atração pelo chouto ilustra a dialética hegeliana, na qual há um conflito entre opostos que impulsiona o movimento e o progresso. Ao destacar essa dualidade, a citação indireta sugere que a busca pela plenitude espiritual pode desafiar as estruturas estabelecidas pelo materialismo e abrir caminho para a evolução individual e social.

Há também uma cena que apresenta a chegada do Conde de Taipa, que é reconhecido por um homem de forcado como um verdadeiro fidalgo. Esse homem passa a exaltá-lo ao dizer que, apesar de nunca o ter visto em uma ferra, ninguém entre Valada a Almeirim tem mais conhecimento sobre sol e chuva e tampouco entende mais que o Conde da qualidade do gado e de como lidar com ele.

Essa passagem do livro retrata a dialética hegeliana ao evidenciar a dualidade entre a posição social do Conde de Taipa como um fidalgo e sua expertise e conhecimento sobre a prática da ferra. O reconhecimento do homem de forcado em relação ao Conde revela a contraposição entre o status social e as habilidades práticas.

Enquanto o Conde pode ser considerado um membro privilegiado da aristocracia, sua autenticidade como fidalgo é reforçada pela sua experiência e habilidade em lidar com os desafios da vida rural, como o clima, a qualidade do gado e a prática da lida com os animais. Essa contradição entre a posição social e a competência prática cria, tal como prescrito na dialética hegeliana, uma oposição de contrários que, ao se conectarem, geram uma nova tese. Neste caso, a vida rural do Conde é uma tese que ao ser

confrontada pela antítese aristocrática, forma a síntese Conde de Taipa que o homem de forçado admira.

O Visconde desempenha um papel de extrema importância em *Viagens na Minha Terra*. Como narrador principal e último alter-ego de Garrett, ele representa a síntese das contradições e dualidades presentes na sociedade portuguesa.

O Visconde é o resultado das oposições entre os outros alter-egos, personificando a dialética hegeliana. Ele atinge o momento de convergência entre lados quando se torna um político, uma classe que ele criticava quando jovem, deixando clara a dicotomia entre materialismo e espiritualismo.

Ao apresentar essa transformação, o Visconde contribui para o entendimento da complexidade das relações entre a busca por progresso material e a busca por uma realização espiritual mais profunda. Ele revela que a plenitude espiritual pode ser alcançada ao romper com as estruturas sociais estabelecidas e abrir caminho para a evolução individual e coletiva. Sua presença na obra oferece uma reflexão profunda sobre a dicotomia materialismo versus espiritualismo, permitindo uma análise mais abrangente das dinâmicas sociais e das aspirações humanas.

“Picar para Santarém, que no ínclito alcáçar de el-rei D. Afonso Henriques nos espera um bom jantar de amigo - e não é só a vaca e riso de Fr. Bartolomeu dos Mártires, mas um verdadeiro jantar de amigo, muito menos austero e muito mais risonho.”

Neste trecho o Visconde apresenta aos leitores a importância simbólica de Santarém como destino final da jornada narrativa. A menção ao “ínclito alcáçar de el-rei D. Afonso Henriques” evoca a grandiosidade histórica da cidade, relacionando-a ao passado glorioso de Portugal.

O convite para um “bom jantar de amigo” em Santarém representa não apenas uma recompensa material, mas também um momento de confraternização e alegria.

Ao conectar essa cena com o riso de Fr. Bartolomeu, o autor sugere um contraste entre a seriedade eclesiástica e a celebração social. Nesse sentido, a citação destaca a dualidade entre o materialismo e o espiritualismo, revelando que a viagem não é apenas uma jornada física,

mas também uma busca por uma plenitude mais ampla, que envolve tanto a satisfação material quanto a vivacidade do convívio humano.

O Visconde, como último alter-ego em *Viagens na Minha Terra*, retrata a dialética hegeliana ao representar a síntese das contradições e dualidades presentes na sociedade portuguesa. Sua transformação de crítico da classe política para político revela a dicotomia entre materialismo e espiritualismo, demonstrando que a plenitude espiritual pode ser alcançada ao romper com as estruturas sociais estabelecidas.

Ao destacar a importância simbólica de Santarém como destino final, o Visconde enfatiza a busca por uma plenitude mais ampla, que transcende o materialismo e celebra a confraternização e alegria entre os seres humanos.

## 7. Conclusão

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu ampliar o entendimento da obra *Viagens na Minha Terra*, destacando sua relevância para a literatura portuguesa e para o estudo da filosofia. A interseção entre literatura e filosofia em *Viagens na Minha Terra* proporcionou *insights* valiosos, revelando a habilidade do autor, Almeida Garrett, em utilizar a literatura como veículo para transmitir conceitos filosóficos complexos.

A análise dos quatro alter-egos presentes na obra, nomeadamente o Acadêmico, o Romancista, o Liberal e o Visconde, permitiu compreender a maneira com que Garrett constrói uma representação completa da dualidade entre materialismo e espiritualismo. Cada alter-ego desempenha um papel significativo ao refletir diferentes períodos da vida do autor e expressar suas visões e ideais. Essa abordagem enriquece a obra ao explorar questões políticas, sociais e culturais, além de ressaltar a versatilidade e comprometimento de Garrett com a transformação da preservação da identidade nacional portuguesa.

A Teoria Dialética de Hegel proporciona um arcabouço conceitual fundamental para compreender a interação entre materialismo e espiritualismo em *Viagens na Minha Terra*. Através da análise dos alter-egos, é possível perceber como Garrett utiliza a contradição como princípio básico da realidade e busca uma síntese que proporcione progresso e evolução. A presença dos alter-egos e a maneira como cada um deles reflete a dualidade materialismo versus espiritualismo na obra revelam a importância de reconhecer a diversidade de ideias e perspectivas na busca por uma compreensão mais completa da complexidade humana e da sociedade.

Em suma, a obra de Almeida Garrett oferece uma análise aprofundada da relação entre a Teoria Dialética de Hegel e a literatura, contribuindo para a compreensão da complexidade literária e filosófica presentes na obra. O estudo dos alter-egos e sua relação com a dualidade materialismo versus espiritualismo proporciona observações valiosas sobre a sociedade, a cultura e a identidade portuguesa. Além disso, essa análise enriquece os estudos sobre a literatura romântica portuguesa e ressalta as conexões intrínsecas entre literatura e filosofia.

Ao explorar a estratégia de Almeida Garrett no livro para abordar a Dialética de Hegel, esse trabalho ofereceu uma análise profunda e enriquecedora da relação entre literatura e filosofia. Através dos diferentes alter-egos narrativos, Garrett construiu uma representação completa da dualidade entre materialismo e espiritualismo.

Em conclusão, a análise realizada demonstra a relevância de Viagens na Minha Terra para a literatura portuguesa e o estudo da filosofia. Além disso, essa análise enriquece os estudos sobre a literatura romântica portuguesa e destaca as conexões intrínsecas entre literatura e filosofia.

Ao compreender a complexidade literária e filosófica de Viagens na Minha Terra, ampliamos nossa compreensão da obra e sua contribuição para o desenvolvimento da literatura e do pensamento filosófico, principalmente numa época em que não existia esta proximidade entre a literatura e a filosofia.

## 8. Referências bibliográficas

### 8.1. Livros

GARRETT, Almeida, 1799-1854. Viagens na minha terra| Almeida Garrett; apresentação e notas Ivan Teixeira; glossário Geraldo Gerson de Souza; ilustrações Kaio Romero, - Cotia, SP; Ateliê Editorial, 2012 - +(Coleção Clássicos Ateliê).

Garrett, A. (1829). Lírica de João Mínimo. Edições Vercial; 1ª edição (25 março 2010).

MOISÉS, Massaud. Romantismo (1825-1865). In:\_\_\_\_\_.Aliteraturaportuguesa.31 ed.São Paulo: Cultrix, 1962, p. 111-154

HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica** (Excertos). Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.

### 8.2. Sites

Carolina Silva, A., da Silva , J. A. ., & de Melo Neto, M. M. . (2021). O ROMANTISMO EM PORTUGAL CONFORME A POESIA E A PROSA DE ALMEIDA GARRETT . Entheoria: Cadernos De Letras E Humanas ISSN 2446-6115, 8(1), 6–27. Recuperado de <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3992>

Wikipedia. (s.d.). Guerra Civil Portuguesa (1832-1834). Recuperado em 3 de julho de 2023, de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Civil\\_Portuguesa\\_\(1832-1834\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Portuguesa_(1832-1834))

eBiografia. (s.d.). Almeida Garrett. Recuperado em 3 de julho de 2023, de [https://www.ebiografia.com/almeida\\_garrett/#:~:text=Em%201823%2C%20com%20a%20volta,e%20exilou-se%20na%20Inglaterra.](https://www.ebiografia.com/almeida_garrett/#:~:text=Em%201823%2C%20com%20a%20volta,e%20exilou-se%20na%20Inglaterra.)